

*"Quantas vidas me couber, amar uma mulher":
afeto e resistência na poesia lésbica brasileira contemporânea*

Laura Assis (CAp. João XXIII/UFJF)¹

Introdução

Publicada em 2005, a pesquisa “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, de Regina Dalcastagnè, analisou 258 romances brasileiros lançados no período e apontou que, nos livros investigados, apenas 28,9% das protagonistas eram mulheres. Averiguando a orientação sexual das personagens dessas narrativas, a pesquisa mostrou, ainda, que somente 3,9% das personagens eram homossexuais, sendo que, entre esses personagens, havia “uma nítida predominância de personagens do sexo masculino (79,2%)” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 39)

Ao realizar pesquisa similar em 2021, Dalcastagnè analisou 689 romances de autores brasileiros publicados pelas mais importantes editoras do país em dois intervalos temporais – 1965 e 1979; 1990 e 2014 – e observou que no segundo intervalo, no qual são encontrados apenas 3,6% de protagonistas homossexuais

ao contrário do que se poderia esperar, dada a crescente visibilidade das lutas LGBT no país e no mundo, as proporções não são significativamente diferentes daquelas encontradas nas personagens dos romances publicados entre 1965 e 1979, entre as quais 88,8% são heterossexuais, enquanto homossexuais e bissexuais ficam com 2% cada. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 126)

Assim como na pesquisa anterior, realizada em 2005, os personagens homossexuais do sexo masculino continuaram sendo maioria: 78,8%. Nas palavras de Dalcastagnè: “Os silêncios da narrativa brasileira contemporânea, quando nós conseguimos percebê-los, são reveladores do que há de mais injusto e opressivo em nossa estrutura social.” (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 141)

Mesmo que voltadas exclusivamente para a prosa, as pesquisas citadas nos dão indícios importantes, uma vez que a relação entre silêncio e opressão, conforme

¹ Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Departamento de Letras e Artes do CAp. João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: laura.assis@ufjf.br

acertadamente observado pela pesquisadora, também revela e ajuda a compreender (e preencher) determinadas lacunas relacionadas à poesia lésbica brasileira contemporânea, tema do presente trabalho.

Nos últimos anos, a expansão do mercado editorial tem propiciado que autoras e autores de grupos que historicamente sempre estiveram à margem, seja por questões identitárias, geográficas ou tantas outras, tenham suas obras editadas, o que tem resultado, entre outras coisas, na diversificação das perspectivas, assuntos e vivências que costumavam ocupar, majoritariamente, as discussões literárias. Entretanto, inicialmente, mesmo diante desse contexto, na primeira década e na primeira metade da segunda década dos anos 2000, a poesia feita por mulheres lésbicas, abordando temáticas relacionadas às suas respectivas vivências, conflitos e especificidades, não chegou a ter um lugar de destaque, tendo sido muito pontuais os livros que tocavam nesses temas e tiveram circulação e projeção significativas, como **Um útero é do tamanho de um punho** (2012), de Angélica Freitas, e **Quase todas as noites** (2016), de Simone Brantes.

Recentemente, entretanto, mais especificamente dos dois últimos anos da segunda década dos anos 2000 para cá, temos assistido, felizmente, cada vez mais a publicação e circulação de livros de autoras lésbicas que têm como tema central – ou trazem de forma substancialmente importante – a figuração de vivências, descobertas, enfrentamentos, conflitos e reafirmações deste posicionamento afetivo-político desviante da vigente norma heteropatriarcal. Entre as várias autoras que lançaram seus livros de estreia nos últimos quatro anos e que trazem essas temáticas, podemos destacar nomes como Maria Isabel Iorio, Ágnes Souza, Tatiana Pequeno, Mariana Paim, Letícia Féres, Ryane Leão, Joana Côrtes, Taís Bravo, Bruna Mitrano, Anna Luxo, Danuza Lima, Cecília Floresta, Bel Baroni, Luana Claro e Helena Zelic, entre outras.

Em uma entrevista por ocasião do lançamento de seu segundo livro, **Aos outros só atiro meu corpo** (2019), ao responder uma pergunta sobre a possível reverberação de acontecimentos políticos e lutas sociais em sua escrita, Maria Isabel Iorio afirmou:

Pensar em lançar um livro que escreve poemas falando do sexo entre duas mulheres, por exemplo, ou sobre a quebra de gênero, a possibilidade de desvio de um corpo, pensar nesse livro há anos atrás é extremamente difícil. Não havia esse espaço. Não só espaço de publicar como espaço na gente, de escrever. Tínhamos muitas palavras desautorizadas — elas ainda eram xingamentos. E o poema deve ser essencialmente um espaço de liberdade (IORIO, 2020, s/p)

A partir das questões colocadas e do contexto apresentado, o objetivo do presente trabalho é identificar estratégias que têm sido utilizadas na representação literária do afeto entre mulheres na poesia brasileira contemporânea, além de analisar de que modo a afirmação desse afeto opera como um elemento de resistência em um sistema opressor heteropatriarcal.

Diante das várias autoras cujas obras poderiam ser abordadas (e serão, em um momento futuro), foi realizado um recorte que, neste momento, colocará em foco poemas de Maria Isabel Iorio e Ágnes Souza. A escolha se dá principalmente devido ao fato de que é possível encontrar na obra dessas poetisas diversos textos em que são abordados os temas aqui investigados, como será detalhado posteriormente.

Antes de adentrar as análises dos poemas das autoras citadas, entretanto, faz-se necessária uma reflexão sobre o tema a partir das considerações de algumas autoras que colocaram em foco a escrita feminina, de forma mais geral, e/ou a existência (e escrita) lésbica, mais especificamente.

Silêncio, resistência, subversão: a escrita de mulheres lésbicas

Na abertura do emblemático **O riso da Medusa** (publicado originalmente em 1975 e editado e lançado no Brasil em 2022, pela Bazar do Tempo, com tradução de Natália Guerrelus e Raísa França Bastos), Hélène Cixous, ao falar sobre a escrita feminina e sua urgência, aponta e problematiza o afastamento que as mulheres sofreram em relação não só à escrita, mas também a seus próprios corpos:

Eu falarei da escrita feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal (CISOUX, 2022, p. 41)

. A lei citada pela autora como agente desse distanciamento é a dominação patriarcal, que historicamente busca controlar todos os aspectos da vida das mulheres. Ao longo do texto, a escritora francesa reafirma a necessidade das mulheres se libertarem da “armadilha do silêncio”, desafiando o discurso masculino e falocêntrico e destacando que “Um texto feminino não pode ser nada menos do que subversivo” (CISOUX, 2022).

E se a escrita de mulheres já é, por si só, essencialmente subversiva, o que dizer então da escrita lésbica? De acordo com Tatiana Pequeno em “Poesia lésbica escrita por mulheres: dupla marca de subjetividade contra o rochedo da inexistência” (2016), artigo fundamental

que analisa a poesia lésbica brasileira dos últimos anos a partir da obra de Angélica Freitas, Simone Brantes, Katia Borges e Cecília Floresta:

O caráter de silenciamento que acompanha a voz feminina é duplicado pela marca da lesbiandade. E se é difícil vislumbrar uma longa, múltipla e distante história da lírica feminina, mais difícil ainda se torna encontrar vozes femininas que (se) autorizem e sejam autorizadas a dizer o desejo e/ ou o amor por outras mulheres, no feminino. (PEQUENO, 2016)

A “dupla marca de subjetividade”, portanto, está diretamente relacionada à necessidade de resistência dentro de um sistema que tenta calar aquelas que, já silenciadas pela marca de gênero, são reprimidas também por se desviarem da norma heteropatriarcal. Essa constatação vai ao encontro do que é colocado por Adrienne Rich no ensaio “Heterossexualidade compulsória e existência Lésbica” (publicado originalmente em 1980 e editado no Brasil em 2019 pela A Bolha Editora, com tradução de Angélica Freitas):

A existência lésbica compreende tanto a quebra de um tabu quanto a rejeição de um modo de vida compulsório. Também é um ataque direto e indireto ao direito dos homens de acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, embora comecemos a percebê-la primeiro como uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. (RICH, 2019)

Rich afirma ainda que há uma negligência com relação à existência lésbica “numa ampla gama de escritos, inclusive dos estudos feministas” (2019, p. 32). E se a própria escrita – e, por consequência, a expressão poética – de mulheres lésbicas é duplamente silenciada, não é nenhuma surpresa que a produção teórica sobre a literatura lésbica também não seja exatamente profusa e amplamente difundida. Como observa Monalisa Gomyde, “A literatura lésbica segue envolta na aura de mistério e criminalidade que a encerra e mistifica, de modo que o estabelecimento de um *corpus* e uma teoria própria permanecem urgentes.” (2021, p. 427). No mesmo artigo, em busca de uma definição para a cultura e literatura lésbica, a autora afirma:

A cultura lésbica é a cultura da mulher que se liberta da colonização, sendo a terra colonizada seu próprio corpo, a existência lésbica *per se* é a constituição de um território livre. A cultura lésbica nasce sempre que lésbicas vivem e criam, é parte integral da genealogia feminina rebelde ao longo do tempo e do espaço. [...] A literatura lésbica é aquela escrita pelo objeto essencial: a mulher, que se faz, enfim, sujeita de seu desejo (GOMYDE, 2021, p. 438-440)

Algumas das principais características que se destacam nos poemas elencados na próxima seção deste texto estão relacionadas justamente ao modo como as autoras elegem a escrita como um espaço de resistência – ou rebeldia –, levando para os versos questões como o risco enfrentado por mulheres que desafiam o sistema e as normas que lhes são impostas, afirmando e reafirmando o afeto que sentem umas pelas outras, e que é, por sua vez, justamente um dos motivos de existirem em perigo.

Amar (também) é (ter que) resistir

Nascida em 1992, a pernambucana Ágnes Souza publicou seu segundo livro, **Pouso**, em 2020 pela Editora Moinhos. Ao comentar o livro – e compará-lo com sua publicação de estreia, **Re-cordis** (2016) – a autora comenta: “(...) pessoalmente, eu gosto mais de **Pouso**. Ele gera uma identificação maior com as pessoas porque foi pensado especificamente para um público LGBTQIAP+, principalmente de mulheres.” (2022, s/p).

Já nas primeiras páginas nos deparamos com a informação de que o livro é dedicado “às mulheres lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis”. E muitos dos temas abordados em *Pouso* de fato têm relação direta com a vivência feminina, como o machismo e a misoginia, em “Oração à santa” e “Que horas os homens gritam?”, e o amor entre mulheres, como em “Escrever um poema sob a tua pele” e “Há um turbilhão de narrativas silenciosas”.

Ao longo dos poemas do livro, é possível também identificar o risco como questão central para a vivência dessas mulheres lésbicas, como no texto “Em um letreiro na Estação Central” que, constituindo-se como um longo poema narrativo, descreve cenas cotidianas (um frase motivacional vista na estação, as conversas no lugar onde o almoço é comprado, as notícias repetidas no noticiário), se concentrando na história de um casal de assaltantes procurado há dias pela polícia, inclusive por helicópteros. No trecho final, lê-se:

(...) no meio do mês passado eu te perguntei se caso um helicóptero
Passasse pela minha janela daria para ele nos ver deitadas
E você disse que sim claro óbvio
minutos depois o helicóptero passou procurando o casal
(...)
Ontem enquanto tu tava dormindo
passou um helicóptero pela janela
era noite e havia o glamour do holofote no helicóptero
fiquei observando a rota do helicóptero
apesar de ter feito muito calor nos últimos dias
eu corri para fechar a janela
enquanto formos um casal
todo cuidado é pouco
(SOUZA, 2020, s/p)

A voz poética, apesar do calor, narra a urgência de fechar a janela com a passagem do helicóptero, pois “daria para ele nos ver deitadas”. Nem mesmo dentro de casa, em sua cama – e também justamente por isso – o casal de mulheres se sente e está a salvo, mas por razões muitos diferentes do casal de assaltantes. Não fica claro qual seria o perigo que essas mulheres correm, e ao mesmo tempo, a ameaça é muito óbvia, uma vez que a existência lésbica – que nas palavras já citadas de Rich, é uma “recusa ao patriarcado, um ato de resistência” – por si só as coloca permanentemente em risco quando expostas. Ciente disso, a voz poética constata: “enquanto formos um casal/todo cuidado é pouco”.

Esse tema aparece de forma similar em alguns poemas da carioca Maria Isabel Iorio, também nascida em 1992. Já em sua capa² – que reproduz uma fotografia de duas mulheres e beijando – **Aos outros só atiro meu corpo** (Urutau, 2020) anuncia dois de seus temas centrais, que irão se entrelaçar ao longo de vários dos poemas: o afeto e a transgressão.

Ao longo do livro, a combinação dessas duas forças resultará na vivência do risco, o que acontece, por exemplo, no curto poema “Não se enganem isto não é felicidade”, que constata apenas:

quando escrevo um poema pra uma
mulher estou batendo na morte

estou pedindo pra ser expulsa da sala
(IORIO, 2019, p. 116)

As duas imagens criadas no texto – “bater na morte” e “ser expulsa da sala” – são, de forma abstrata ou concreta, imagens violentas e que denotam, ao mesmo tempo, uma insurgência contra a fatalidade e a provável exclusão. E ambas ocorrem como consequência de um ato extremamente simples: escrever um poema para uma mulher, possível metonímia para um envolvimento afetivo lésbico.

A presença e o risco da morte aparecem também em “Segredinho”, mas de forma distinta, mais direta. Neste poema são descritas situações relacionadas à descoberta da sexualidade lésbica – “quem já precisou aprender a duração/- aqueles três segundos a mais/ num olhar para saber se ela também...”; “quem teve que descobrir muita coisa/ sozinha/ ou em cima da hora num banheiro/feminino” –, elencando experiências de mulheres que se envolvem afetivamente com mulheres, mas com um final que, contrariando o tom divertido que perpassa o texto, termina numa constatação cortantemente real:

² Imagem disponível no link:

https://miro.medium.com/v2/resize:fit:1400/format:webp/1*XnF5dPzxbrNnNe7hOD85vw.jpeg

A título de considerações finais

Na entrevista já citada na introdução deste texto, Maria Isabel Iorio afirma ainda que “O poema é uma resposta neural ao fascismo e ao sistema, ele é uma eterna vontade de desarmar esses mecanismos, isto para dizer que todo poema é uma desobediência, uma transgressão, um movimento” (IORIO, 2020, s/p).

Se ainda é necessário lutar contra um duplo silenciamento, conforme oportunamente aponta Tatiana Pequeno, têm surgido, em contraponto, múltiplas investidas transgressoras que, por meio da poesia, tentam “desarmar os mecanismos” que buscam calar aquelas que se desviam do sistema. Isso pode ser constatado, inclusive, por meio da atuação de muitas das autoras aqui citadas, que produzem sua própria literatura, mas também pesquisam, analisam, resenham, traduzem, ensinam e divulgam os escritos de outras lésbicas, atuando em frentes diversas, como ocorre, por exemplo, com Helena Zelic, Tatiana Pequeno, Monalisa Gomyde Ágnes Souza e a autora do presente texto, entre tantas outras, que se movimentam no sentido inverso de tudo aquilo que sempre buscou nos oprimir, esconder, omitir e emudecer.

Recentemente me ocorreu que, de forma consciente ou não, talvez estejamos tentando responder – e reverberar – a pergunta fundamental de Audre Lorde, que em “A Transformação do silêncio em linguagem e ação” (ensaio originalmente publicado em 1984 e editado no Brasil pela Autêntica em 2019, no livro *Irmã Outsider*, com tradução de Stephanie Borges) questiona:

Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio? Talvez para algumas de vocês hoje, aqui, eu represento um de seus medos. Porque sou mulher, porque sou Negra, porque sou lésbica, porque sou eu mesma – uma poeta guerreira Negra fazendo seu trabalho. Pergunto: vocês, estão fazendo o seu? (LORDE, 2019, p. 54)

REFERÊNCIAS

CISOUX, Hélène. **O riso da Medusa**. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Bazar do Tempo, 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 56, n. 1, p. e40429, 2021. DOI: 10.15448/1984-7726.2021.1.40429. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40429>. Acesso em: 10 set. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 10 set. 2023.

GOMYDE, Monalisa. Existe uma Cultura Literária Lésbica? In: **Caderno Espaço Feminino** | Uberlândia, MG | v.34 | n.1 | jan./jun. 2021 | ISSN 1981-3082. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/62698/32364>. Acesso em: 10 set. 2023

IORIO, Maria Isabel. **Aos outros só atiro o meu corpo**. Urutau, 2019.

IORIO, Maria Isabel. Os meus poemas nascem a partir do que consigo fazer com meu corpo fora de casa — entrevista com Maria Isabel Iorio. **Editora Urutau – Medium**. Disponível em: <https://editoraurutau.medium.com/os-meus-poemas-nascem-a-partir-do-que-consigo-fazer-com-meu-corpo-fora-de-casa-entrevista-com-b5073b7a71bf>. Acesso em: 10 set. 2023.

LORDE, Audre. Transformação do silêncio em linguagem e ação. In: **Irmã Outsider**. Trad. Stephanie Borges. Autêntica, 2019.

PEQUENO, Tatiana Pequeno. Poesia lésbica escrita por mulheres: dupla marca de subjetividade contra o rochedo da inexistência. **CULT**, 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/indicar-duplamente-o-silencio-mulher-lesbiandade-e-poesia/>. Acesso em: 10 set. 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência Lésbica. In: **Heterossexualidade compulsória e existência Lésbica e outros ensaios**. Trad. Angélica Freitas. A Bolha, 2019.

SOUZA, Ágnes. **Pouso**. Moinhos, 2020.

SOUZA, Ágnes. Conheça Ágnes Souza, a escritora de “Pouso”, livro de poesias com temática LGBTQIAP+. **EQL – Elas que lucrem**.

Disponível em: <https://www.eql.com.br/eql-news/2022/01/conheca-agnes-souza-a-escritora-de-pouso-livro-de-poesias-com-tematica-lgbtqiap/>. Acesso em: 10 set. 2023.